

Desrazão e Imaginação – Borges e(m) Outros e(m) fragmentos e(m) imagens-criações

Madness and Imagination – Borges and/in Others and/in fragments and/in images-creations

ARTUR RODRIGUES JANEIRO¹

RESUMO: Algumas vezes nossa mente só acredita naquilo que nossos olhos veem. “Algumas vezes” porque nossos olhos não veem todas as coisas existentes – há coisas existentes que são invisíveis e a visão é apenas mais um sentido do nosso corpo. Entretanto, sem a visão (e os outros sentidos), a imaginação pode revelar coisas até então consideradas invisíveis e/ou inimagináveis. Coisas realmente invisíveis? Ou essas coisas são consideradas invisíveis por causa do nosso pobre conhecimento de mundo? Pobre? Não poderia ser “puro”? Questões como essas nos convidam a uma nova leitura de mundo – uma leitura por entre surreais fragmentos poéticos escritos pelo argentino Jorge Luís Borges e imagens criadas a partir de uma outra leitura do “livro da natureza”; imagens que não são vistas pelos olhos da carne. Loucura? Insanidade? Possibilidades para uma arte da vida e da morte, do vivo e do morto, das palavras e das coisas.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; literatura; criação.

ABSTRACT: Sometimes our mind can only believe in what our eyes see. “Sometimes”, because our eyes cannot see all the existing things – there are existing things that are invisible and the vision is just another sense from our body. However, without the vision (and other senses), the imagination can reveal things hitherto considered invisible and/or unimaginable. Really invisible things? Or these things are considered invisible because our

1. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, Brasil

poor knowledge of the world? Poor? Could not be “pure”? Questions like these that invite us to a new reading of the world – a reading between surreal poetic fragments written by the Argentine Jorge Luis Borges and the images created from another reading of the “book of nature”; created images that are not seen by the eyes of the flesh. Madness? Insanity? Possibilities for an art of life and death, of living and dead, of words and things.

KEYWORDS: Art; literature; creation.

INTRODUÇÃO

Desde os estudos de William Harvey e de Francis Bacon, é possível conceber uma Ciência que, anunciando os princípios da Modernidade, promete ser capaz de revelar a correta compreensão acerca da Natureza e seus fenômenos, ou seja, uma ciência que promete ser capaz de revelar a leitura correta do denominado Livro da Natureza (OLSON, 1997, p. 80). Trata-se de uma leitura precisa de palavras representativas do mundo, e não de uma leitura de entrelinhas, que ganhou força sobretudo com o desenvolvimento das ciências naturais, como colocado por Norbert Elias (1991, p.15).

O desenvolvimento das ciências naturais — o que não deveria esquecer-se em especial nas universidades — pôs nas mãos dos homens, em relação a vastos domínios do acontecer natural, um saber sobre os fenômenos naturais relativamente objectivo e próximo da realidade. Estas ciências trouxeram à luz do dia, como dantes se dizia, a “verdade” acerca da natureza, acabando tanto com o temor-pânico face à natureza demoníaca como com a representação idealizada de uma sempre generosa Mãe Natureza.

Entretanto, toda a Natureza passível de ser lida é aquela percebida – lê-se aquilo que foi sentido e, dentre os sentidos, sabemos que há tempos estamos vivendo sob o reinado da visão. A partir do trecho “basta que eu veja alguma coisa, para saber ir até ela e atingi-la, mesmo se não sei como isso se faz na máquina nervosa” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 88), semelhantemente percebemos que, através da observação da natureza, o visível e até mesmo os indícios do invisível foram desvelados em nome da Ciência, da revelação científica do mundo – células, tecidos, sistemas, átomos-indícios, planetas, leis físico-químicas e teorias-tantas, que, à luz da ciência, refugiaram-se o máximo possível das leituras artístico-poéticas que fortemente foram

renegadas pela Modernidade por serem consideradas demasiadamente subjetivas, incorretas, imprecisas. Como também diz Elias (1991, p. 15),

[...] os homens aprenderam, em muitos aspectos, a domar as forças selvagens da natureza. Os espíritos e os deuses imaginários com que a mente humana povoava, outrora, a Terra indomada, com as suas florestas sombrias, as suas montanhas solitárias e os seus mares perigosos, regressaram aos sonhos dos homens, donde tinham saído.

Toda uma (leitura da) Natureza, um mundo e coisas-tantas, reclusos em uma dimensão onírica, distanciados da Ciência Moderna e sua fundamentação na manutenção de uma fiel relação entre objeto e palavra que melhor, então corretamente, a designe (OLSON, 1997, p. 178) – é o que Elias (1991, p. 22) também nos apresenta através do “desenvolver o saber sobre o mundo de modo a que ele se adapte o mais rigorosamente possível ao mundo real”, saber mantido na desmitificação da Natureza – um “longo processo, um trabalho esforçado e não planejado, que durou séculos”. Assim, uma palavra deve representar um objeto em si e não uma ou mais supostas ideias vinculadas a ele, pois ideias rompem, fugidias ao controle da interpretação. A própria escrita (grafia) de uma palavra (ou seja, a palavra removida inclusive das ondas mecânicas da oralidade) estava distante de ser ousadamente compreendida como uma representação artística do significado de um suposto objeto observado – era evidente a inimaginável compreensão imagética de um texto e/ou a compreensão textual e artística de uma imagem/cena/fenômeno mantido no bojo da Ciência – não havia as conversões contemporâneas do tipo “texto-imagem x imagem-texto”.

Entretanto, o discurso científico moderno, sobretudo o das ciências naturais (ciências que, apesar da obviedade, *são humanas*), não conseguiu silenciar a subjetividade daqueles que o promoviam, que o disseminavam – a leitura científica do mundo se desenvolveu em meio a expressões/manifestações artístico-poéticas que também revelavam o já mencionado mundo visível e os tais indícios do invisível; frutificavam os discursos emancipados do isolamento da dimensão onírica, anteriormente mencionada. Do microscópico ao macrocosmo, cientistas, artistas e filósofos cunharam vias de leitura da Natureza que não eram idênticas, mas se assemelhavam em muitos aspectos. Assim, se por um lado, de acordo com Olson (1997, p.185), a leitura e escritura científica da Natureza se baseavam “na distinção em contrastar o que havia na mente com o que existia no mundo” a fim de se evitar

um conflito-confusão “entre um ‘sonho da imaginação’ e uma ‘estrutura do mundo’[...]”, por outro lado tal “sonho da imaginação” sempre foi passível de ser lido e também apresentado pela oralidade e as diversas artes.

Inicialmente enfatizando o lado/sentido da leitura científica da Natureza, a Ciência, com o aprofundamento das minúcias de seus estudos e antes mesmo de alcançar um debruçar pleno sobre si mesma (e então já teria alcançado certa Filosofia da Ciência), direcionou seus estudos para a sua própria máquina-ferramenta de observação do mundo – o corpo humano. Encontramos em Merleau-Ponty (1984, p. 88) que o corpo-sujeito que vê, denominado “vidente”, “não se apropria daquilo que vê”, ele, na realidade, aproxima-se do observado e “abre-se para o mundo”. Assim, neste primeiro momento, podemos pensar que a Ciência não se apropria das revelações oriundas de suas observações da Natureza, ela se aproxima do observado e se vê nele – pois o observado diz qual Ciência é essa e, assim fazendo, inquieta-nos emergindo de um discurso científico único.

Independente se é o sujeito que vê e é visto ou a Ciência que observando e descobrindo o mundo se observa e se descobre, há o florescimento de um paradoxo do reconhecimento que é fértil a toda uma nova leitura de mundo – uma (única?) Ciência que é o que é, que faz o que faz, que conquista o que conquista, porque são olhares, plural, plurais, pontos de vista que conversam, convergem, se interseccionam, se entrelaçam e se confundem em uma figura, em uma unidade que é a do sujeito-observador, o qual, por ser sujeito, não é paciente, não é passivo, e que, por ser observador, é ativo em observações que não se limitam aos impulsos nervosos que percorrem seus nervos ópticos.

Ele [corpo vidente e visível], que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o “outro lado” do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa o que quer que seja assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, por inerência daquele que vê naquilo que ele vê, daquele que toca naquilo que ele toca, do senciente no sentido – um si, portanto, que é tomado entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro. (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 88).

Eis o homem que também passa a se ver no mundo; o objeto que existe na visão humana e, então, é apresentado ao mundo pelas criações humanas – toda

uma natureza que se apresenta e é passível de ser divulgada entre alguns, por algum tempo – toda uma revelação do ser vidente nas coisas e das coisas no ser vidente que pareceria tranquila se não fosse pelas tormentas incessantes do imaginário, que fervilham no novo, no outro, ainda que ocorrendo em uma natureza na qual “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, resgatando os fundamentos da Química de Lavoisier. Parece-nos que todas as peças já estão postas, dispostas. Quase todas disponíveis? Cabe-nos encaixá-las, relacioná-las – analogamente, se desde o Renascimento o corpo humano foi decomposto em partes e peças pela Anatomia, atualmente é preciso remontar esse cadáver; é preciso que o falido se regenere, que a célula isolada se prolifere; é preciso vir a inferir vivo e vida e, então, buscar compreender o porquê de não ser vivo ou o porquê de não haver vida. Quais relações, associações, semelhanças, podem surgir? Acreditando na possibilidade de novas leituras, novas associações e então produções de dimensões-outras, mundos-outras, apresentamos este estudo, o qual compreende que por mais duradoura, precisa, atenciosa e cuidadosa que seja uma observação da realidade, dos objetos e dos fenômenos, esses, por jamais estarem completamente revelados, fomentam criações, produções de sentidos novos – é exatamente essa produção de sentidos-outras que buscaremos.

A partir de então, se o pouco ou muito revelado aos olhos é referenciado por palavras que ditam o que são as coisas e se “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (BONDÍA, 2002, p.20), o presente estudo almeja potencializar uma leitura-outra, subjetiva, de supostas “páginas” que nunca foram lidas de parte desse Livro da Natureza ou, ainda, uma leitura-outra que, sabendo a princípio que “o mundo, tal como ele é realmente, está longe de corresponder aos desejos humanos” (ELIAS, 1991, p.15), promova, produza, crie, então, um mundo novo que existirá, mesmo que ainda não amarrado a materializações. Para essa empreitada, partiremos de desdobramentos de fragmentos de textos do escritor argentino Jorge Luis Borges que nos convidarão a criações imagéticas de uma leitura-outra de um suposto real existente aos nossos olhos.

BORGES E(M) OUTROS E(M) FRAGMENTOS...

Traçaremos “encontros” com fragmentos de poesias de Jorge Luis Borges, reunidas na obra *Nova Antologia Pessoal* (BORGES, 1982). São fragmentos que aqui

foram selecionados por considerarmos serem capazes de disparar re-visões de mundo; fragmentos que se encontram com dizeres-outros de pensadores como Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault e outros.

Inicialmente, fechemos nossos olhos da carne; deixemo-nos levar pelas imagens que parecem brotar na/da escuridão, no/do “caleidoscópio da escuridão”, como mencionaria Proust (2006, p. 21) se se entregasse novamente ao adormecer, para que nós resplandecemos um imaginário que se realçará em combinações variadas, infinitas nos espelhos, espelhamentos (a propósito da estrutura caleidoscópica). Então, sugerimos pensar no termo “dama-da-noite”. Dama... da... noite. Existem espécies de cactáceas cujas flores desabrocham a noite e murcham rapidamente ao amanhecer do dia seguinte – isso é válido para a flor de *Epiphyllum oxypetalum*, que é popularmente conhecida por dama-da-noite. Paralelamente, em “O Golem”, encontramos o seguinte trecho: “Se (como diz o grego no Cratilo)/o nome é o arquétipo da coisa,/em as letras de *rosa* está a rosa / e todo o Nilo na palavra *Nilo*” (BORGES, 1982, p. 27).

Podemos pensar que “Nilo”, então, é movimento, correnteza, fluidez, porque antes de Nilo ser Nilo, Nilo é “rio” – em “dama-da-noite” pode ser semelhante. Antes de encontrarmos a “dama”, devemos nos situar no arranjo de letras que configura “noite”, pois ele revela algo que vem antes da noite ser assim denominada: ele revela o observador que concebeu “noite” por um arranjo que não foi de letras, mas sim o de uma quase plena escuridão, com o tilintar estelar, com todas as fases da lua e os movimentos da maré, com os percursos planetários, enfim, com todo o conhecido por ele, que ocorre na abóbada celeste, nossa tela do universo, e que atravessa o mundo em profundidade, alcançando os submundos do imaginário. Trata-se de uma “noite” lida em uma linguagem de analogias e similitudes que é “ao mesmo tempo, revelação subterrânea e revelação que, pouco a pouco, se restabelece numa claridade ascendente” (FOUCAULT, 1999, p. 49). Uma linguagem que muitas vezes não percebemos estar além dos limites gráficos, da curva de uma letra ou traço seco de outra.

Além disso, é em Foucault (1999) que se desenvolve uma preocupação histórica para/com essa trama de semelhanças que pode ser percebida sobre/na/com a Natureza e aqui está sendo exemplificada pela “dama-da-noite”:

A natureza das coisas, sua coexistência, o encadeamento que as vincula e pelo que se comunicam não é diferente de sua semelhança. E esta só aparece na rede de signos que,

de um extremo ao outro, percorre o mundo. A “natureza” está inserida na fina espessura que mantém, uma acima da outra, semiologia e hermenêutica; ela só é misteriosa e velada, só se oferece ao conhecimento por ela às vezes confundido, na medida em que essa superposição não se faz sem um ligeiro desnível das semelhanças. De imediato, o crivo não é claro; a transparência se acha turva desde o primeiro lance. (FOUCAULT, 1999, p. 41).

Foram esses apontamentos que fomentaram a busca de compreensão do termo “dama”, para o qual trazemos duas leituras: 1) a flor, a dama que se torna feminino infértil por pertencer, por estar contida, em “noite” – a noite que não é “noite” se não abrigar “dama” ou inclusive uma carta (qualquer) de um baralho que floresce entre valetes valentes e reis de uma realeza noturna; 2) a flor da noite, a dama fértil que gesta a não-noite; a dama do rompimento consigo mesma (ou mesmo do rompimento com a noite), do desfazer-se de parte de si mesma (por isso não pode ser somente noite; não está contida em noite); pois, aqui, “noite” não é “dama”, não se sobrepõe – há propriedades de “dama” que não pertencem à intersecção com “noite” e vice-versa; são propriedades que, em “dama”, revelam o fruto gestado da/na noite, o fruto-dia.

Se fértil ou infértil, qual perspectiva/abordagem adotar?

Para tal questionamento é preciso recordar que há uma

[...] relação da linguagem com a pintura [que] é uma relação infinita. Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irredutíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (FOUCAULT, 1999, p. 25).

Portanto, é como se sempre viesse a coexistir uma fértil dimensão oculta daquilo que tão logo é revelado – e não haverá termo capaz de contemplar tais duas dimensões. Assim, se houve uma leitura do antes invisível aos olhos que se tornou passível de compreensão, é porque ela ocorreu sobre uma suposta dimensão do desconhecido que podia já estar posta na Natureza (um total desconhecido primordial), ou, então, é porque ela se deu no âmbito da criação, de um vir a existir que

ocorrerá. Diante disso, partindo da investigação de uma face até então oculta, quem poderá dizer que esse mundo-outro, aqui noturno-floral, não pode vir a existir, se é que já não existe? Somente aqueles que aceitaram esta possibilidade de conceber a existência de um mundo-outro e não o encontraram, não o perceberam, têm propriedades para responder tal questionamento. Dispensando a frustração daqueles que não se afetam pelo novo, há uma advertência a ser considerada: não se trata da concepção de um novo mundo que se mantém e se limita por palavras – que se ajusta e se deforma em letras, hífen e aglutinações, mas sim de um novo mundo que por letras, palavras e suas associações se aproxima da “existência visível [...] que a visão profana acredita invisível [...]”. Esta visão devoradora, para além dos ‘dados visuais’, abre para uma textura do Ser” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 91).

Textura que transcende o olhar e se perde. Ao menos não estamos desamparados nessa busca de compreensão, pois, por “remixagem” alcançamos, alcançamos, a partir de Foucault (1999), a possibilidade de pensarmos que a linguagem visual, atingindo a referida “textura do Ser” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 91), “está a meio caminho entre figuras visíveis da natureza e as conveniências secretas dos discursos esotéricos. É uma natureza fragmentada, dividida contra ela mesma e alterada, que perdeu sua transparência primeira; é um segredo que traz em si, mas na superfície, as marcas decifráveis daquilo que ele quer dizer” (FOUCAULT, 1999, p. 49) – parafraseando esses dizeres, são palavras e imagens que se fragmentam umas nas outras e emaranham-se nos sentidos-outros do corpo; palavras-imagens que se fragmentam por serem quentes ou frias, doces ou amargas, alegres ou tristes.

A seguir, encontra-se um trecho de “Adrogué”, outra poesia de Jorge Luis Borges responsável por disparar grande parte das ideias contidas tanto na brincadeira escrita entre citações do parágrafo anterior como nos próximos parágrafos.

Ninguém na noite indecifrável tema/ que eu me desgarre em meio as negras flores/ do parque, onde entretecem seu sistema/ tão propício aos nostálgicos amores/ ou ao ócio das tarde, a secreta/ ave que sempre um mesmo canto afina,/ a água circular, a praça quieta,/ a vaga estátua e a duvidosa ruína. (BORGES, 1982, p. 38).

O mundo está de cabeça para baixo? Prestes a enlouquecer de vez? “Negras flores”, taciturnas damas-da-noite em/de uma noite nublada? Breu pleno, garoa – “nostálgicos amores”? Conformismo? Mesmice – eis a leitura do Livro da

Natureza pela tradicional “ciência que manipula as coisas e renuncia a habitá-las” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 85) padronizadamente, como fluir de “água circular” que margeia a duvidosa futura ruína de uma insistente visão ainda moderna de mundo. Porém, água circular que erode o próprio leito que a abriga; água bebericada pela misteriosa ave que um único canto revela – que um único canto possui? Mas essa ave pode voar – o voo da coruja de Minerva para apresentação de um novo canto-pio por sobre tais já avisadas ruínas. Um alerta? Ciência-outra? Ainda Ciência? Ideias que cavam seus leitos e poentes... A seguir, um fragmento de “Limites”, outra poesia de Borges, que acreditamos poder nos ajudar no desenvolvimento de nossas ideias:

Destas ruas que cavam o poente/ há uma (não sei qual) que hei percorrido/ já pela ultima vez, indiferente/ e sem adivinhá-lo, submetido/ a Quem prefixa onipotentes normas/ e uma secreta e rígida medida/ às sombras, como aos sonhos, como às formas/ que destecem e tecem esta vida/ se para tudo há fim e certa taxa/ e ultima vez e nunca mais olvido,/ quem nos dirá de quem, aqui na casa,/ sem o saber, nos temos despedido?/ [...] Fechaste para sempre alguma porta/ e há um espelho que te espera em vão;/ a encruzilhada te parece aberta/ mas Jano quadrifronte a está vigiando/ Entre as tuas lembranças sempre há uma/ que se perdeu irremediavelmente;/ não te verão descer aquela fonte/ nem o alvo Sol, nem a dourada Lua. (BORGES, 1982, p. 31).

Uma antiga compreensão de mundo que paulatinamente tem cedido espaço para o novo, um novo caminho, uma nova rota de leitura de mundo. Ao mencionar Jano, deus romano associado às tomadas de decisão, recordamo-nos num primeiro momento da imagem de Jano bifronte. Comumente representado com duas faces, Bruno Latour (2000, p.16) atribuiu a cada uma das faces uma concepção de ciência – uma representa uma “ciência em construção” enquanto a outra representa uma “ciência pronta’ ou ‘ciência acabada”. Entretanto, o Jano apresentado por Borges é quadrifronte – vemo-nos tentados, ao buscar outras duas faces, a pensar que há uma outra oposição e que essa tende a atravessar perpendicularmente as já opostas faces do Jano latouriano.

Para prosseguir, é preciso salientar que, ainda em “Limites”, Borges menciona um espelho que nos espera em vão. O espelho tudo reflete, e essa dimensão possível dos espelhamentos no/do mundo encontra-se renegada pela humanidade – eis a

também mencionada porta que foi fechada para sempre. Essas considerações nos remetem a algo semelhante traçado por Foucault (1999, p. 67-68):

Uma vez desligados a similitude e os signos, duas experiências podem se constituir e duas personagens aparecer face a face. O louco, entendido não como doente, mas como desvio constituído e mantido, como função cultural indispensável, tornou-se, na experiência ocidental, o homem das semelhanças selvagens. [...] ele [o louco] só é o Diferente na medida em que não conhece a Diferença; por toda a parte vê semelhanças e sinais da semelhança; todos os signos para ele se assemelham e todas as semelhanças valem como signos. Na outra extremidade do espaço cultural, mas totalmente próximo por sua simetria, o poeta é aquele que, por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentescos subterrâneos das coisas, suas similitudes dispersadas. [...] o louco garante a função do homossemantismo: reúne todos os signos e os preenche com uma semelhança que não cessa de proliferar. O poeta garante a função inversa; sustenta o papel alegórico; sob a linguagem dos signos e sob o jogo de suas distinções bem determinadas, põe-se à escuta de “outra linguagem”, aquela, sem palavras nem discursos, da semelhança. O poeta faz chegar a similitude até os signos que a dizem, o louco carrega todos os signos com uma semelhança que acaba por apagá-los.

Essas figuras, o louco e o poeta, são representantes respectivos de duas dimensões que Foucault (1999, p. 67) denominou “desrazão” e “imaginação”. Assim, a nossa leitura acerca do Jano quadrifronte de Borges revela duas faces opostas e correspondentes à “ciência em construção” e à “ciência pronta”, apresentadas por Latour (2000), e outras duas, também opostas, correspondentes à “desrazão” e à “imaginação”, apresentadas por Foucault (1999). São quatro faces, quatro elementos quase alquímicos que fornecem rotas-deslocamentos de leituras de mundo. Assim, entre poesias, concepções de linguagem, ciências e, porventura, também loucuras e imaginações que tenham florescido neste estudo, foi possível criar em/por imagens uma leitura das considerações aqui traçadas.

... E(M) IMAGENS-CRIAÇÕES²

De acordo com Henri Bergson (2006, p. 115),

Ao mesmo passo que a realidade se cria, imprevisível e nova, sua imagem reflete-se atrás dela no passado indefinido; descobre-se assim ter sido, desde sempre, possível; mas é nesse momento preciso que começa a tê-lo sido sempre, e eis por que eu dizia que sua possibilidade, que não precede a sua realidade, a terá precedido uma vez que a realidade tiver aparecido.

Eis o possível aqui apresentado em criações: imagens-montagens e textos. Um possível tornado realidade que encontramos em Borges (1982, p. 31) – “já pela última vez, indiferente/ e sem adivinhá-lo, submetido/ a Quem prefixa onipotentes normas/ e uma secreta e rígida medida/ às sombras, como aos sonhos, como às formas/ que destecem e tecem esta vida”, mas que aqui transpassará as fronteiras desse aprisionamento:

nem que seja pela última vez, diferente
e vidente, submetido
a quem-não-divino subverte onipotentes normas
e a renegação
às sombras, como aos sonhos, como às formas
que destecem e tecem esta vida.

Um subverter eminentemente humano, profundo, que não cessa, “como o efeito de miragem”, que “continua sem descanso a se produzir” (BERGSON, 2006, p.115), que é íntimo aos olhos da carne...

Pois, se entre coisas, vejo imagens e entre
imagens, avisto outros tempos; entre pétalas
o desconhecido é mistura, tudo o que já sei
para o novo anoitecido – flor despida do ser

2. As imagens aqui utilizadas foram criadas a partir de combinações. Há montagens que são compostas apenas por fotografias de acervo particular e outras que são compostas por fotografias particulares e figuras disponíveis na internet.

flor que mantém sutis contornos, somente
limites delicados do esvaziado, extraviado
da razão. Indícios-mundos, ponto branco,
nu no breu, na corola explosiva, alva
gênese – *big bang* floral.
E ponto-Terra no (uni)verso.
(Figura 1)



Figura 1 - Damas-da-noite I – Um ponto-mundo

Fonte: Elaborada pelo autor. Montagem a partir de elementos variados.

Mas a imaginação parece não cansar e
para não virar loucura, desrazão, para
não ser tudo ao mesmo tempo, sem
distinção, a dama não é lua nova, nem eclipse.
Não é Cinturão de Órion, mas é nebulosa
da Helix, NGC 7293 ideias ou mais,
muito mais. Tem o olho azul do cosmos e certo
olhar que me despe e se despede. Que me prende
na maciez das pétalas da noite. Que é de Taurus
reluzente, mas também buraco negro –
que emoção astronômica!
(Figura 2)



Figura 2 - Damas-da-noite II – Das íris do universo

Fonte: Elaborada pelo autor. Montagem a partir de elementos variados.

Como pode dama assim ser tão ousada?
Dama e noite que se encontram marginais
a certos limite abaxial-adaxial – arte-anatomia-vegetal.
Quatro naipes de verdade, quatro faces
da Possibilidade. Cartas-corpos, damas da noite
embriagada pelo sereno; damas da noite,
daquela janela da rua, da mesa do bar,
profanas, férteis sangrentas, deslocadas –
deslocamentos, deslocamentos.
Crescentes sentimentos trêmulos no calor
da noite feminina. Sedução e luzes arrastadas
num instante de captura, efeito movimento
invisível aos olhos. Vestigial ascensão.
(Figura 3)



Figura 3 - Damas-da-noite III – Dos corpos-cartas e outros deslocamentos
Fonte: Elaborada pelo autor. Montagem a partir de elementos variados.

Rastros loucamente colocados. Perdida
loucamente, cega sobre as mesmas pétalas
do murchado, do gozo ultimo da permanência.
Amanhece. Íris não mais dos olhos, nem -da-praia –
íris flor de carne, dama-do-dia. Um novo instante
desabrochado, de arrepio à flor da pele, flor
de carne, flor do corpo – ainda vibrante.
Pulsante que se arrasta nos instantes, logo
desapega do vivente – desfalece, falece, fale
logo, corpo! Som uníssonos, eco hospitalar.
Flores de uma longa noite, velada madrugada
sem esperanças, corpo ainda morno –
gritos últimos de uma vida que foge
desmembrada, desgarrada.

(Figura 4)

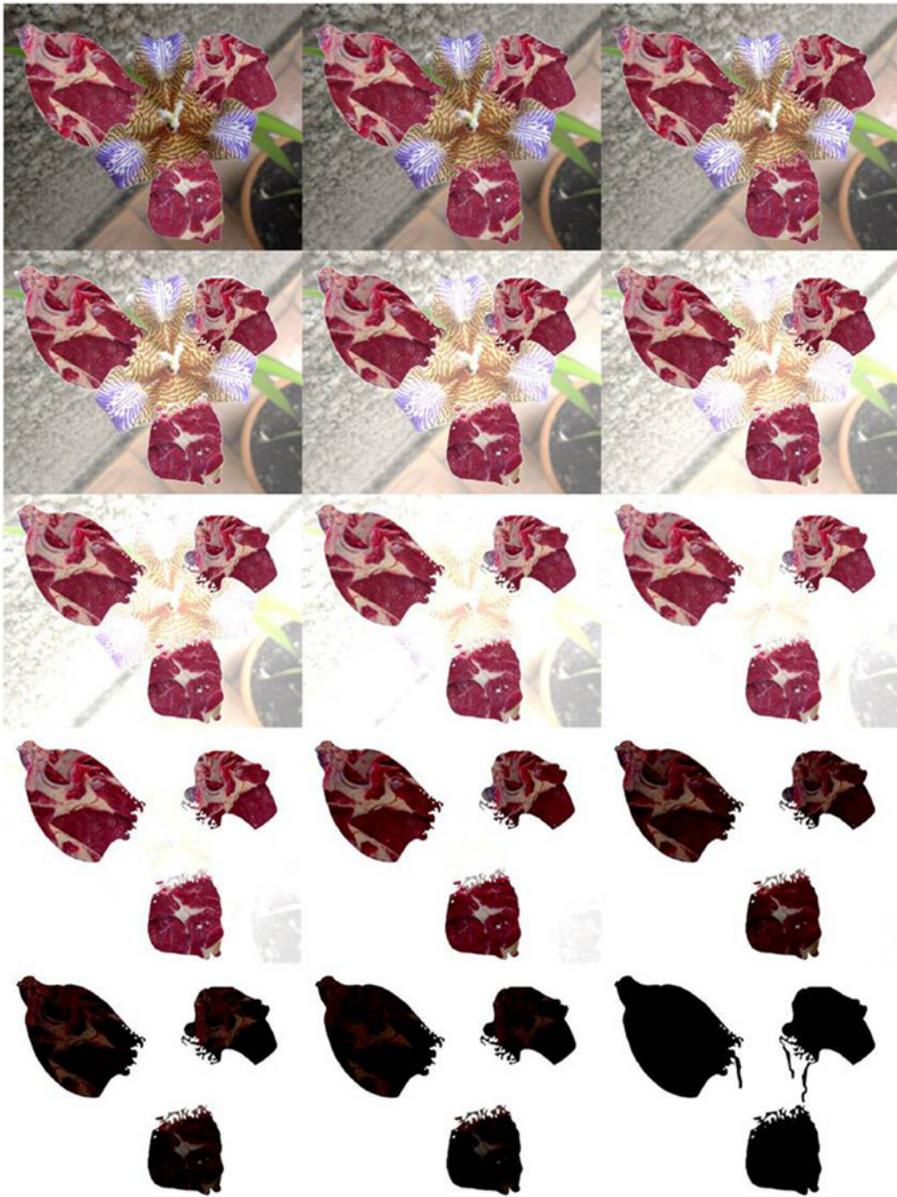


Figura 4 - O corpo-noite desfalece em dia
Fonte: Elaborada pelo autor. Montagem a partir de elementos variados.

Dizeres esses que floresceram/murcharam em consonância com o fragmento a seguir da poesia “A um poeta saxônico” (BORGES, 1982, p. 20):

Tu cuja carne, que hoje é pó e planeta,/ pesou como a nossa sobre a Terra,/ tu cujos olhos viram o Sol, essa formosa estrela,/ tu que viveste não no rígido ontem/ porém no incessante presente,/ no ultimo ponto ápice vertiginoso do tempo,/ [...] mas que algum verso perdure/ na noite propícia à memória/ ou nas manhãs dos homens.

Alvorada que nutre o ápice vertiginoso do tempo – o presente que é a eternidade da “Natureza!”, como exclama Goethe na tradução de 1949 (p. 7). “Natureza!” “que envolve o homem na penumbra e constantemente o impele para a luz”. “Natureza!” pela qual “a vida é sua mais bela invenção e a morte é seu artifício para obter muita vida” (GOETHE, 1949, p. 7). Criação! Caminhos vistos por olhos que hoje, possivelmente, não os veriam mais – por isso “o espetáculo [da Natureza] é sempre novo”: “porque os espectadores constantemente se renovam” (GOETHE, 1949, p.7). Criação de poéticas sobre o cerne da doçura floemática dos caminhos ocultos, dos mistérios dessa Natureza (Figura 5); criação de um floema de ideias que se insere nas nossas mais profundas raízes, nos confins de nossa memória e sua ilusão – becos de outras tantas considerações que chegariam pelo destecer o cabo do tempo, mas que aqui já serão finais.



Figura 5 - Caminhos-mergulhos suspensos. Jornada.

Fonte: Elaborada pelo autor. Montagem a partir de elementos variados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iludidos? Temos falado de um tempo presente? Passado? Futuro? É possível recordar que partimos dos olhos da carne e seus olhares e chegamos a percursos ou mesmo a corredeiras por entre precipícios de possibilidades. É preciso seguir no Nilo citado em “O Golem”, de Borges (1982), e nos permitir cruzar os pontos do mapa-cerne, avistando as faces de Jano, para almejar mapas sempre mais profundos e margens que nunca chegarão – a miragem, a utopia de uma margem (surrealista? a contento de Borges) para a realização de um reflexo de nós mesmos, do olhar do eu-desconhecido, ilusão, mas também do olhar o eu-desconhecido que se revela pelo debruçar de nossos olhos sobre nós mesmos, constantes mutáveis. É preciso seguir... criando...

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- BORGES, J. L. *Nova antologia pessoal*. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difel, 1982.
- ELIAS, N. *A condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade, por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985)*. Trad. Manuel Loureiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOETHE, J. W. von. *A Natureza (fragmento)*. Trad. Walter B. Mors. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v. 9, p. 5-10, dez. 1949.
- LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Trad. Marilena de Souza Chauí; Nelson Alfredo Aguiar; Pedro de Souza Moraes. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).
- OLSON, D. R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 20006. (Coleção Em busca do tempo perdido, v. 1).

SOBRE O AUTOR

ARTUR RODRIGUES JANEIRO é mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Campus Rio Claro).

E-mail: artur.janeiro@gmail.com.

Recebido em 17 de abril de 2014 e aprovado em 07 de julho de 2015.